

Criptoeconomia ou criptomania? Duas faces da mesma criptomoeda

Há uma [cena emblemática](#) do filme *O Lobo de Wall Street* na qual seu protagonista consegue vender ações de uma companhia de "fundo de quintal" cotadas a valores baixos como sendo o próximo fenômeno do mercado, gerando um "medo de ficar de fora" no potencial cliente. Sua abordagem arrojada causa uma comecção dado seu carisma e poder de venda, que persistem até hoje (vale a pena [fort no TikTok](#)).



Isac Costa

professor e advogado

Muitas pessoas compram ativos financeiros sem ter a menor ideia do que

exatamente adquirem. Não é "sexy" explicar como as tecnologias de registro distribuído podem diminuir custos e aumentar a interoperabilidade entre sistemas de [infraestrutura de mercado financeiro](#). Por outro lado, muitos param para ouvir sobre uma oportunidade única de alcançar a liberdade financeira, conhecendo a próxima criptomoeda meme que já subiu 1.000% e que poderá subir mais 1.000% é muito mais eficaz. "Arraste para cima" e seja arrastado para baixo, ironicamente.

Celebridades e gurus são muito mais capazes de conquistar a mente de investidores do que qualquer regulador, acadêmico ou profissional de investimentos. Afinal, aprendemos que qualquer produto pode ser vendido, desde que o devido "[copy](#)" seja utilizado, agregado a uma "fórmula de lançamento" ou estratégia de marketing digital e gestão de tráfego. É possível até mesmo ficar milionário vendendo cursos sobre... como vender cursos!



Nesse contexto, não surpreende a volatilidade e o apetite especulativo em um "ativo" que declaradamente não representa nenhum benefício econômico ou direito, mas tão somente referenciam um meme ([Doge](#), [Shiba Inu](#), [Pepe](#) etc.) e é uma fração em um estoque de trilhões de ativos idênticos que foram emitidos. Sua cotação com nove ou mais casas decimais dificulta a percepção, pelos investidores, de que uma pequena variação nominal pode ter o efeito de um bilhete de loteria ou representar um catastrófico financeiro em seu patrimônio pessoal.

As *exchanges* de criptoativos são um misto de corretoras (porque aproximam compradores e vendedores) e bolsas (porque aglutinam ofertas e liquidam as operações) e atualmente são os principais atores do setor, acompanhados de emissores de *stablecoins* e provedores de soluções de custódia de criptoativos.

Contudo, ao analisarmos o ranking das cem tokens mais relevantes no portal [CoinMarketCap](#), dificilmente encontraremos algum que represente uma relação genuína de dívida (*debt*) ou participação (*equity*). Em outros termos, a maior parte ou a totalidade desses ativos não guarda relação com o financiamento da atividade econômica nos moldes dos instrumentos financeiros tradicionais. Para alguns, essa constatação é suficiente para que o mercado de criptoativos seja equiparado ao de apostas e não ao mercado financeiro.

Infelizmente, a maior parte da atenção e investimentos ainda é destinada a esta faceta mais especulativa da criptoeconomia, que se desnatura em criptomania. Considerando a proliferação de *meme coins*, o comportamento do mercado diante de frivolidades (como tweets de Elon Musk com imagens de cachorrinhos ou stories de influenciadores) e a afinidade da tecnologia para ocultar patrimônio, lavar dinheiro e sonegar impostos, é difícil convencer instituições financeiras tradicionais de que esse setor tem alguma legitimidade econômica. Para outros, porém, essas instituições incumbentes são incapazes de reconhecer a inovação e, caso não se adaptem, serão extintas, pois o futuro finalmente chegou.

Esse fenômeno sinaliza um problema crônico do mercado financeiro: educação financeira não é suficiente diante de nossos [vieses cognitivos](#). Tendemos a ignorar informações que contradizem nossas crenças prévias, damos menos importância a dados agregados em favor de resultados mais recentes. Aceitamos, com pouco ou nenhum questionamento, dados que confirmem nossas expectativas, somos injustificadamente otimistas e adotamos comportamentos não raro incompatíveis com nosso nível de escolaridade. Vale lembrar que Sir Isaac Newton foi vítima da [South Sea Bubble](#), razão pela qual [escreveu](#) ser capaz de "*calcular o movimento dos corpos celestes*", mas incapaz de "*prever a loucura das multidões*".

Ciente dessa vulnerabilidade, alguns agentes de mercado exploram assimetrias de informação e privilegiam interesses próprios em detrimento do interesse de seus clientes. As cotações podem ser objeto de manipulações inescrupulosas, como esquemas de [pump and dump](#) (cada vez mais comuns em temo de engajamento de enxames em redes sociais). Informações privilegiadas podem ser insumo para negócios escusos e o mercado se revela não somente um cassino, mas também um no qual os dados são viciados quando, nas ofertas públicas, intermediários agem de modo a privilegiar certos clientes em prejuízo de outros. Há quem acredite que o investidor de varejo só pode ter algum ganho no mercado de capitais por pura sorte, não porque tem menor capacidade de coletar, verificar, analisar e utilizar



informações, mas porque é reiteradamente induzido a erro ou é privado de boas oportunidades.

A regulação, apontada como vilã pela imposição dos custos de observância de da mão pesada, burocrática e ineficiente do Estado, decorre da necessidade de lidar com as falhas observadas no mercado, dentre as quais, além da assimetria de informação, encontramos a concentração de poder econômico, ineficiências alocativas e externalidades. Mas a regulação não basta, sem a existência de um regulador capaz de aplicá-la, de fiscalizar os agentes de mercado, com pessoal, capacidade técnica e dotação orçamentária adequados ao seu mandato legal.

A regulação pode ter seus efeitos colaterais indesejados, resultando em formulários infinitos, prospectos monstruosos e deveres instrumentais cujo cumprimento drena a alegria de viver de quem trabalha na advocacia no mercado de capitais. A despeito disso, o frenesi especulativo em torno dos criptoativos nos fornece um vislumbre do que é um mercado com ampla liberdade, o qual parece tender a uma pura e simples mania onde a predação dos sonhos alheios persiste enquanto houver novos tolos dispostos a pagar mais caro pelo ingresso para a "próxima revolução das finanças".

Pelo exposto, ousa afirmar que, se não expurgarmos a criptomania, não será possível o florescimento da criptoconomia.